

Alice Sant'Anna. *Acrobata*. São Paulo: Companhia das Letras. Edição do Kindle. 2024.

Ler *Acrobata* é uma imersão no vozerio do mundo. O conjunto dos poemas ocupa-se em compor uma espécie de palimpsesto no qual as camadas são intervaladas por discursos de diferentes atores que, “no circo”, no “metrô em Riga”, na “Praça Roosevelt”, aportam à obra o dilema atemporal entre os mundos interno e externo do ser. Essa arquitetura demarca a criação poética como um ponto de convergência de vozes, desloca o sujeito poético e potencializa a temática.

O intercurso das alteridades contribui, ainda, para sublinhar a simultaneidade dos acontecimentos que atravessam a vida enquanto um poema é escrito. A premência do agora, tão absurda e extenuante da contemporaneidade, está subsumida na forma que a poeta encontra para seus poemas: longos, intratextuais, com rupturas abruptas, inusitadas, sem pontuação, letras minúsculas, coloquialismo, ritmo caudaloso e dualidade. Chama a atenção o modo como a matéria poética flutua entre uma vivência individual – a hospitalização do avô, ou nascimento de um filho – e uma experiência coletiva, por exemplo, a tragédia de Chernobyl ou a vida de Marie Curie, revelando nessas transposições a permeabilidade humana diante das coisas do mundo.

Em poemas como *Shackleton*, a estratégia da polifonia se estabelece pelo recurso da paráfrase: “paul auster repete/ uma frase/ de pascal que diz/ toda a infelicidade/ do homem/ vem de um só lugar:/ ser incapaz/ de ficar sossegado/ no próprio quarto/ isso vale para os/ escritores/ mas não só para/ eles/ shackleton por/ exemplo/ queria fazer fortuna/ e para isso tinha/ muitos planos como fabricar/ cigarros [...] precisava de algo/ que lhe desse/ sentido à vida” (p. 34). O poema inicia com uma referência a Paul Auster que fez alusão à Pascal e depois centra-se na história de vida de Shackleton, erigindo uma estratégia retórica de fundamentação sobre a urgência de dar sentido à vida. O

modo de tramar esses pensamentos e ideias subverte o gênero poético e desafia o leitor a arriscar-se em uma acrobacia de reflexões e elos possíveis. Em outros momentos, as vozes sobrepostas entram e saem dos poemas com a mesma naturalidade com que o tempo olha indiferente ao passado ou ao futuro.

Na obra, o tratamento singular na costura de diferentes vozes no corpo dos poemas permite ao eu poético maior elasticidade nos movimentos de aproximação e distanciamento das coisas do mundo. O sentir torna-se um ir e vir de si mesmo em saltos entre luz e sombra. Como um acrobata, a palavra corre riscos, se arremessa em direção ao vazio, na certeza de que o próximo poema a impulsionará para o movimento seguinte.

A poeta aborda temas como a maternidade, a saudade, o luto, a passagem do tempo, os quais são basilares para o leitmotiv da obra: o testemunho de que estar no mundo é ser permeável, estar exposto. É saber-se frágil e, por isso mesmo, cômico de que há muito pouco (ou quase nada) que se possa controlar. Paradoxalmente, no entanto, como sufocar o narcisismo e lidar com a pretensa ideia humana de fazer sentido e ser indispensável para a existência da vida? Talvez a resposta, em *Sabiá*, não seja a desejada:

ela é mãe como eu
e decidiu fazer seu
ninho na árvore ao
lado
do quarto do meu
filho
[...]
penso na minha
arrogância em que-
rer ajudar
quando o melhor
que posso fazer
é não atrapalhar
não chegar perto
não falar alto não
enfiar a cabeça
entre os galhos não
tentar fotografar o
ninho
a natureza é indi-
ferente
a sabiá ao me ver

com um bebê de
cinco meses nos
braços
não sente nada
não tem curiosi-
dade ou compaixão
não me olha e pensa
ela é mãe como eu (p.7)

Nesse fragmento do poema de abertura da obra, é possível observar, um poema longo, com cortes inesperados nos versos, marcado pela coloquialidade, a predominância do tempo presente, dilemas, solidão, um conflito entre o indivíduo e o mundo. O encaminhamento do poema para um final desconcertante revela a presunção humana de subordinar (ou subornar) a natureza, a premência de se fazer necessário, a angústia de fazer parte, o medo de não ser relevante, impelindo-o, assim, a interferir, a encontrar um meio de transmutar seus sentimentos e desejos no fora, no externo, na natureza, nas interações.

Em outros momentos, Sant'Anna situa a voz lírica em outros aspectos da complexidade da vida e coloca-a em trânsito nas situações práticas como as rotinas hospitalares com um avô doente ou a necessidade de um táxi na saída do hospital, permitindo assim verticalizar a experiência da dor, refletindo sobre realidades e perspectivas do humano, como no poema *Meu avô*:

na hora do rush
o táxi não tem
serventia
se não puder tomar
o caminho
que leva ao ponto
mais alto
de onde se vê a cur-
vatura da terra (p.16)

As transições sem aviso prévio no direcionamento dos poemas após a descrição de longas cenas e situações cotidianas sugerem a intencionalidade de desestabilizar um certo embotamento dos sentidos. Talvez pela banalização e automação de determinados aspectos da vida, cortar repentinamente o verso e enveredar para uma questão metafísica provoque o desconcerto necessário para a criação de novos significados. É o caso do poema *Duas mulheres*, elaborado a partir da observação e descrição de uma fotografia

feita por Mauro Restiffe. O contraste da fotografia em preto e branco serve de mote para a poeta aventurar-se no jogo antitético, elaborando reflexões entre o real e o imaginado, o visto e a memória do visto, a clareza e a obscuridade de cada detalhe da foto e da vida, pela perspectiva da temporalidade. O eu poético, ao instaurar a interface entre as linguagens, reitera o múltiplo da subjetividade humana. É preciso olhar!

Na persona de um “acrobata”, a fragilidade, a força e a potência criadora humanas se equilibram ao longo dos quarenta poemas encadeados como uma narrativa do estar no mundo. A partir de uma concepção dual de “ficar”, “partir”; ser herói por cumprir ou não uma missão; questionar a morte, a vida; arriscar-se entre a curiosidade e o medo, *Acrobata* reúne a prosa do mundo entalhada no poema; o poema esculpido na prosa do mundo.

Alice Sant’Anna (Alice Carvalho Cumplido de Sant’Anna), jornalista, poeta, editora, mestre e doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio), nasceu em 1988, no Rio de Janeiro. Entre suas publicações anteriores estão *Dobradura* (2008, 7 Letras), *Rabo de baleia* (2013, Cosac Naify, prêmio APCA de poesia), *Pé do ouvido* (2016, Companhia das Letras) e *Aula de natação* (2018, Imprensa Nacional Casa da Moeda). Possui, ainda, publicações internacionais nos Estados Unidos, no Chile e em Portugal.

Suzana Pagot

Poeta

Doutora em Literatura